

Retrato sem retoques da nobreza

POR MÔNICA SINELLI

João Henrique Maria Gabriel Gonzaga de Orleans e Bragança, D. Joãozinho ou, simplesmente, João Príncipe, como ficou mais conhecido nas rodas cariocas de amigos plebeus. O mais proeminente herdeiro da Família Imperial abre seu olhar apaixonado sobre o Brasil profundo de ontem e de hoje. Suas imagens - e palavras - respiram sensibilidade e assombro pela profusão de naturezas, humanas e paisagísticas, que viceja nas terras da América portuguesa.

A fotografia foi o meio encontrado por D. Joãozinho — que atua como incorporador imobiliário em Paraty — para traduzir a exuberância e a diversidade filtradas em suas viagens, desde sempre, Brasil adentro. Não fosse ele, claro, trineto de D. Pedro II, o primeiro chefe de Estado do mundo a adquirir uma máquina de retratos e grande incentivador dessa arte. Há alguns anos, o príncipe contemporâneo, que dispensa salamaleques e rapapés, transferiu seu precioso acervo de 800 fotos do legado do imperador à guarda do Instituto Moreira Salles, na Gávea (RJ), a fim de que se mantivesse em condições de preservação adequadas. Em 22 de fevereiro último, o IMS inaugurou uma exposição com parte desses registros históricos, a qual poderá ser vista até maio.

Ao longo do tempo, D. Joãozinho vem cons-



Arquivo D. João



Fotos: Arquivo D. João



Xingu (PA)

“Fui educado com um forte sentimento de respeito e admiração pelo país, e minha família sempre esteve ligada à Natureza. Quando era pequeno, meus amigos passavam as férias na Disneylândia, e eu acampava pelo país”

truindo seu próprio patrimônio com flagrantes do surpreendente mosaico que compõe a identidade nacional. Da Praia do Flamengo, onde morou na infância, ele retém uma lembrança nítida do acontecimento que transformou, magnificamente, a paisagem do Rio de Janeiro do início da década de 60: o aterro da orla da Baía de Guanabara. “Lembro-me de quando começaram a colocar toda a barragem de pedra por fora, seguida do preenchimento de areia — a draga fazendo esse trabalho. Era um outro universo, sem shoppings, a gente se divertia na rua,

subindo em árvores, jogando bola. Meu pai me levava à Praia Vermelha, na Urca, prendia uma corda na minha boia e me soltava na água — feito vara de pescar — e, depois, recolhia-me. Foi por isso que sempre gostei do mar e o respeitei. Não frequentávamos clube, porque achávamos uma coisa muito elitista, chata. Preferíamos a praia, que mistura todo mundo, tornando o ambiente interessante. Comecei a pegar onda em 1968, no Arpoador, naqueles pranchões. Era uma época do Rio muito rica. Os valores, hoje, estão bem diferentes, voltados ao consumo. O mundo



sofreu as maiores transformações no século passado”, reflete.

OLHAR DE UM PRÍNCIPE DO BRASIL

A paixão pela fotografia cresceu com o interesse em conhecer o Brasil. “Fui educado com um forte sentimento de respeito e admiração pelo país, e minha família sempre esteve ligada à Natureza. Quando era pequeno, meus amigos passavam as férias na Disneylândia, e eu acampava pelo país. Meu pai, então tenente-coronel da Aeronáutica, ia me mostrando as matas. Comecei a registrar todas essas viagens, o que já resultou em 11 livros publicados. ‘Olhar de João – fotografias de um príncipe do Brasil’ (Metalivros-2009) constitui uma coletânea de imagens reunidas durante 35 anos.”

Uma das experiências mais marcantes foi realizada no ano passado, quando refez o per-

“Estava no Arpoador com amigos e avistei um homem tocando sax dentro da água. Quando todos foram embora, ele continuou no mar, sozinho, com o instrumento. Fiz algumas fotos e, depois, vim a saber que o músico era o Carlos Malta”

curso efetuado por D. Pedro II, em 1859, ao subir 220km do Rio São Francisco, de barco, a convite do governador de Alagoas, Teotônio Vilela. Em uma expedição pelo Xingu, desceu 1.500km de rio, a partir de São Gabriel da Cachoeira (a mais de 800km de Manaus). Voou todo o Alto Rio Negro em avião Búfalo, do Exército, pousando em bases militares de fronteira, onde vive uma tribo ianomâmi. Definindo-se como um antropólogo sem o título de formação acadêmica, o taurino Dom Joãozinho – nascido a 25 de abril de 1954 – também ajustou o foco de sua lente para capturar a majestosa Floresta da Tijuca, que está completando 150 anos. Iniciativa pioneira, que antecipou, já no século XIX, as preocupações de D. Pedro II – filho da botânica Maria Leopoldina – com a sustentabilidade, o projeto de reflorestamento da extensa área de plantação de café surgiu da necessidade de recuperar a água para o Centro da cidade, pois os rios que a abasteciam estavam diminuindo de volume, devido aos cortes na mata. “No replantio da região do Maciço da Tijuca, poderia ter-se utilizado uma variedade de vegetação de forma aleatória. Entretanto, tomou-se o cuidado de retirar uma



Casa de D. Joãozinho em Paraty (RJ)



D. Joãozinho pertence à primeira geração da Família Imperial nascida no Brasil. Seu pai, D. João Maria Felipe Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, só foi autorizado a deixar sua França natal, por conta do exílio político imposto pela República, para conhecer o Brasil em 1925. Aqui, estabeleceu-se na Serra de Petrópolis



“Estava lá com amigos e, de repente, avistei um homem tocando sax dentro da água. Imaginei que se tratasse de alguma ação publicitária ou algo do gênero. Mas, enquanto todos foram embora, ele continuava no mar, sozinho, com o instrumento. Fiz algumas fotos e, depois, vim a saber que o músico era o Carlos Malta, para quem o fenômeno acústico produzido pelo sax no oceano se assemelha ao som emitido pelas baleias. Em casa, ele lava o sal durante o banho”, relata.

POUSO EM PARATY

D. Joãozinho lembra que pertence à primeira geração da Família Imperial nascida no Brasil. Seu pai, D. João Maria Felipe Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança (já falecido, filho de D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança e da condessa Elisabeth Dobrzensky de Dobrzenicz e neto da princesa Isabel e do conde d’Eu), só foi autorizado a deixar sua França natal, por conta do exílio político imposto pela República, para conhecer o Brasil em 1925. Aqui, estabeleceu-se na Serra de Petrópolis. Posteriormente, ao se reformar na Aeronáutica, apaixonou-se por Paraty, onde adquiriu terras há mais de meio século, tendo produzido a finíssima cachaça

amostra da floresta na Barra de Guaratiba, que ainda apresentava uma grande parte virgem. Assim, reproduziram-se, estatisticamente, as características da plantação nativa, primária. Trata-se de um marco de proteção à Natureza e ao desenvolvimento sustentável e que criou o único parque nacional urbano do mundo. Muitos países europeus e norte-americanos não tinham atitudes tão inovadoras nessa área como a que o Brasil adotou à época”, realça o ex-integrante do Conselho Gestor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Cenas inusitadas da vida da cidade também arrastam sua mirada. Como a presenciada num dia comum de praia no Arpoador. Ele a reconstitui:

“Toco tamborim no bloco Empurra que Pega, que sai na Avenida Ataulfo de Paiva, no Leblon, no sábado e na terça de carnaval. Ainda não sou um dos melhores no instrumento, mas mando direitinho”



artesanal Maré Alta.

É nessa antiga aldeia de pescadores, situada na costa sul fluminense, que o fotógrafo e empresário mora durante a semana, atua em sua empresa de incorporação imobiliária na região e mantém a Pousada do Príncipe. Em seu sobrado no Bairro Histórico, ele oferece, todo ano, um almoço a participantes da Festa Literária de Paraty (Flip), que vão de figuras consagradas e internacionais a poetas desconhecidos. “Acreditei no município como polo turístico, com a Mata Atlântica e a baía intensamente preservadas, somando-se ao Parque Histórico e a manifestações populares bem vivas. Em maio próximo, a cidade alçará à condição de Patrimônio da Humanidade da Unesco, numa modalidade mista. Dos mais de 400 sítios tombados pelo órgão, só há 19 com essa característica, mesclando aspectos ambientais, históricos e arquitetônicos”, explica o ilustre residente, que há cinco anos levou os filhos (João Philippe e Maria Cristina) para conhecer a terra — pré-convulsão — de sua mãe, a egípcia Fátima Scherifa Chirine. A viagem, como não

poderia deixar de ser, inspirou um belo ensaio fotográfico. “Vi grandes diferenças sociais, muitas pessoas dormindo na rua e outras andando de motorista com quepe no Egito. Perguntei se havia uma democracia, e eles responderam que sim. E pode criticar o presidente? Não, afirmavam. Mas é um país fascinante, com um povo alegre e cordial, parecido, nesse lado, com o brasileiro.”

BATUQUE NO LEBLON E PALESTRAS GRATUITAS

Nos finais de semana, é mais provável encontrar D. Joãozinho circulando pelo Leblon, onde tem apartamento, a pé ou de bicicleta. “Acho a vida de bairro extremamente simpática, e no Leblon ainda existe isso. Não preciso pegar carro. Gosto de participar do mundo em que a gente vive como cidadão. E toco tamborim no bloco Empurra que Pega, que sai na Avenida Ataulfo de Paiva, no sábado e na terça de carnaval. Ainda não sou um dos melhores no instrumento, mas mando direitinho”, brinca o príncipe, que este ano precisou desfalcar não somente a pequena agremiação, como também a Portela, escola em

que, normalmente, desfila. O período momesco coincidiu com uma palestra sua, a convite da embaixada brasileira, em Singapura e Hanói, para investidores, sobre a formação do Brasil.

Ele faz questão de frisar: “Vou pagando a passagem do meu bolso, e faço todas as palestras para as quais sou chamado de graça. Minha postura política é de defesa do Brasil. Não devo — e já recusei convite feito por Leonel Brizola para me candidatar a senador — filiar-me a nenhum partido. O comprometimento da minha família está no respeito à Constituição e à luta por democracia, mas sem coloração ideológica. Muitos não entendem a função, hoje em dia, de um rei em um sistema de parlamentarismo monárquico moderno, a qual é, justamente, ter um chefe de Estado sem vinculação partidária. Estado e governo configuram duas instâncias totalmente distintas. No presidencialismo, isso se torna um problema, pois se agregam na mesma figura o representante do Estado e o do governo, quando, teoricamente, significam coisas separadas e até opostas. Estado não tem ideologia: é o todo, a junção de identidade cultural e territorial com as instituições do país. Já o governo necessita de partido, porque é a maioria que ganha, de-

mocraticamente, uma eleição. A quem diz que a monarquia espelha um regime ultrapassado, pergunte se na Espanha, na Noruega ou na Suécia a população prefere um presidente no lugar de um rei. São nações altamente democratas, com elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Não estou falando de ditaduras, mas de monarquia democrática constitucional. A base da monarquia é a não filiação partidária e, ao mesmo tempo, obediência à Constituição. Eu respeito o meu país, atitude que não se vê, atualmente, entre os políticos. Ao contrário, assis-

“A quem diz que a monarquia espelha um regime ultrapassado, pergunte se na Espanha, na Noruega ou na Suécia a população prefere um presidente no lugar de um rei”



timos a posturas públicas inacreditáveis, dignas de delegacia, e que se vêm aceitando como fatos normais. Esses níveis de tolerância me preocupam. Minha imparcialidade político-partidária me dá mais suporte para emitir opiniões a respeito de qualquer governo. Não tenho rabo preso. É triste, uma verdadeira decepção, constatar que pessoas que reclamavam de situações anteriores, ao assumirem o poder, cometam as mesmas irregularidades. A quem chamavam de ladrão, agora beijam a mão. Há uma turma que não larga o osso”, indigna-se.

união em torno da mesma Língua

Na sua visão, a unificação do Estado brasileiro – à qual atribui a estabilidade consolidada ao longo do tempo – deve-se ao arcabouço insti-

tucional preparado por D. João VI, um, digamos, precursor da globalização, com a abertura dos portos ao comércio internacional. “Ele pensou grande. O Brasil virou nação em 1808. Naquele momento, a América portuguesa formou um só país, continental, em torno da mesma língua, enquanto a espanhola se dividia em 15. Hoje, no ambiente emergente dos Bric, a China não é democrática e tem problemas internos; a Rússia também não conforma uma democracia como manda o figurino e sustenta uma economia baseada apenas em gás e petróleo; e a Índia, que é democrata, apresenta uma imensidão de etnias. O Brasil é o único que tem democracia, não registra problemas étnicos e religiosos e comanda uma economia forte e diversificada, em razão de um movimento de libertação sem rupturas, sem guerra nem sangue, arquitetado por D. João. A imagem do rei que comia frango mudou bastante após o bicentenário da Independência. Antes, não se falava tanto de sua importância como, além da abertura dos portos, fundador de instituições a exemplo de Casa da Moeda, Banco do Brasil,

Seu João Luzia (Trajano de Moraes - RJ)



Com Seu Percílio (Trajano de Moraes - RJ)



academias de artes e militares e até da própria imprensa, que era livre no Império e foi interdita pela República”, observa.

Na contramão da ciranda de benesses que grassa hoje na esfera política, o trineto de D. Pedro II ressalva que, em mais uma demonstração de espírito público dos integrantes da Família Real, o último imperador do Brasil, já exilado na França, com poucos recursos, devolveu os proventos enviados pelos republicanos a título de aposentadoria. “Ele se recusou a recebê-las, mesmo depois de 49 anos de trabalhos prestados, sob o argumento de que não poderia aceitar dinheiro do Brasil sem o estar servindo. A família não era rica, porque não tinha mesmo de ser. Quem se dedica ao país precisa dedicar-se ao país. Quem quer ser empresário, que vá ser empresário. Mas aquele que tem vida pública, seja rei, deputado ou vereador, deve se empenhar cem por cento nisso. Se ficar rico, só se

“Quem se dedica ao país precisa dedicar-se ao país. Quem quer ser empresário, que vá ser empresário. Mas aquele que tem vida pública, seja rei, deputado ou vereador, deve empenhar-se 100% nisso”

for honestamente, mesmo assim sem ajuda dos contatos e da posição. D. Pedro II morreu pobre, num pequeno hotel de Paris. E estava certo que morresse pobre”, acentua.

O regente amante das artes e abolicionista (nunca teve escravos), conta o trineto, gostava de acompanhar as procissões religiosas na rua, a pé, junto com o povo, sem nenhum aparato de segurança. E limava outras regalias. “Certa vez, ele chegou à já então movimentada Rua do Ouvidor, no Centro da cidade, de charrete. Saltou para fazer compras e, na volta, viu um guarda multando o cocheiro. Este encenou o famoso sabe com quem está falando, é o carro do imperador! O guarda pediu desculpas, afirmando que não anotaria a infração, mas D. Pedro não permitiu que se aplicasse a prerrogativa. Seu argumento era que se ele próprio não desse o exemplo, ao obedecer à lei, quem iria fazê-lo? E solicitou que o policial o multasse. Não é crime errar. O ser humano erra. O bonito e o grande estão em saber reconhecer o erro. O trabalho das famílias reais não é outro, se não, servir de exemplo”. Palavra do nobre voluntário que, na catástrofe recente na serra fluminense, se juntou a tantos outros anônimos para ajudar as vítimas de Friburgo, descarregando caminhões do Exército com doações em meio aos escombros. Retrato sem retoques da fidalguia. ■